

A L A G R I O A

QUINZENARIO ILLUSTRADO

D. ANTONIO BARROSO

Na galeria de barcellenses illustres nenhum merece quadro mais primorosamente entalhado que o nosso sympathico patricio, Bispo D. Antonio José de Sousa Barroso.

Bispo de Himeria foi e de Meliapor dizem-no agora, mas a sagração popular não é menos euphonica, enquanto conserva a mesma jerarchia ecclesiastica.

O Bispo D. Antonio Barroso foi e é ainda uma das individualidades mais respeitadas d'este concelho.

Se as paixões politicas tentaram no acceso da luta (que já-mais deveria travar-se) empannar a fulgurancia do seu bello espirito, eis-o erecto sempre, nem vencedor nem vencido, com o sorriso nos labios e o amor no coração, dispendendo os consolos e asattenções que nunca soube negar.

Grande caracter, intelligencia lucida e cultissima, coração de oiro, ergueu um monumento na adestez da Africa de onde contempla todos os barcellenses.

E os filhos de Barcellos fazem-lhe justiça, porque democratras como são sabem de sobejo quanta sensibilidade affectiva ha na alma do venerando antistite, que não se peja de entrar em suas habitações para participar dos seus jubilos, como para soffrer tambem com as suas amarguras.

Barcellos, 27 de outubro de 1897.

M. Lima.

A' CAMARA MUNICIPAL

«Muito Altos, e Muito Poderosos
Camaristas, e Senhores Nossos»

Não é só de soldados que os exercitos precisam, mas tambem de cabos de guerra, porque nos exercitos, como no corpo humano, a cabeça é a que dirige, é que tem obrigação de saber dos órgãos que lhe estão sujeitos.

E, sendo assim, «Muito Altos, e Muito Poderosos Camaristas, e Senhores Nossos», a Vossa cabeça dirigente é a do Mui Insigne Doutor José de Castro Figueiredo de Faria, a quem apresentamos hoje, principalissimamente, o respeito venioso de humilde subdito da republica, chamando-Lhe a Sua esclarecidissima attenção sobre as nossas palavras.

Para o homem se destacar actualmente nas sciencias, nas artes, nas lottras, Mui Insigne Senhor, precisa de ter o genio inventivo, produzir novidades, ou, pelo menos, *salvar-se* exprimindo o que ha, *subido*,

com originalidade de forma.

Escreve-se, por exemplo, sobre o bicho da seda, sem vantagem scientifica conferida por nova descoberta, como ainda ha pouco vimos, e sem destaque na descriptiva, e o resultado é não produzir boa sensação ao observador.

Trabalho de paciência, á falta de completo talento...

Caem hoje por terra, succumbidos, os dramalhões que se resentem de velhas formulas



A Lagrima

em que a honra é comprada por dinheiro e ha duelos por causa de primas carminal-as.

Aprecia-se mais o folhetim ligeiro, á Julio Cesar de Mac'rado, de estylo accessivel a barbeiros e sapateiros, mas com a suprema superioridade de fazer rir, do que um artiquete a demonstrar que «o olho é orgão visaal da vista».

E, sendo assim, Mui Insigne Senhor, fazeis Vós mais á terra, apresentando-Vos humil te patriota, cuidando das bellezas d'esta terra, como fez o conselheiro José Novaes, como o tinha feito o Faria Rego, e outros, do que envergando a Vossa luzente casaca em dias festivos, impondo-Vos como «bacharel formado pe-Universidade de Coimbra.»

Barcellos aprecia-Vos mais no logar de Presidente como um simples Pamalho, do que se fosseis um sabio Theophilo.

O Patrio-ismo no bom gosto deve preoccupar sériamente a Pessoa do Presidente dos «Muito Al-os, e Muito Poderosos Camaristas, e Senhores Nossos».

Avisinha-se o mez em que a terra recebe carinhosamente em seu seio uberrimo as plantações de arvores, como as gallinhas os pintainhos, sob a sua aza protectora.

E sendo assim, Mui Insigne Senhor, podereis mandar plantar, com grande vantagem de bom gosto, uma ala de eucalyptos, parain lo da frontaria do Hospital á estrada em frente, que, realçando na nudez do Campo, exhibirá uma novidade em arborisações publicas.

E, como já aqui dissemos, o eucalypto, a arvore que mais cresce, a mais higienica, conservando sempre a folhagem.

As arvores são o recreio da vista, e dão, a quem as procura, o consolo da sua sombra amiga, quando o sol ardencial d'agosto cae a prumo.

E a proposito diremos que, a exemplo do que se faz em Lisboa, Mui Insigne Senhor, não mandeis amputar os canos ás arvores, nos largos e campos, deixae que ellas esbracejam naturalmente, arremessando para o Infinito os seus penachos verdejantes.

Satisfazei Senhor esta simples exigencia dos Vossos municipes e contaes com o seu reconhecimento.

NOTAS DA QUINZENA

Vae-se bicelitisando toda a gente de Barcellos.

O dar-á-perna, n'esta villa, como em Espozende, constitue o incidente tópicio de um pernear geral por esse paiz fora.

A grande familia dos alquiladores e dos creadores de burros dentes, com grande susto, invadidos os seus interesses; e o burro, o prestimoso, o honrado, o pacato, o philosopho burro,

tem um baixar de orelha expressivo de uma profunda nostalgia da vida quando olha para o Julio Vallongo, directer e instigador do gosto ciclista em Barcellos.

O pobre fica-se pensativo, um immenso desgosto na alma, uma dor profundissima que lhe rouba as honras de denominador de quebrado (proprio e muitas vezes, improprio) por essas estradas de macadam.

Mas deixe-se avançar o progresso,

A machina põe de parte o burro, como ainda alguém, vindo de algures, algum dia, nos hu de por de parte a nós; sim, alguém que seja mais perfeito e menos burro do que o animal de quem Linneu chamou, em latim, *homo sapiens*, em latim, por ser esta lingua muito do geito para brincadeiras...

Deixem passar a bicicleta.

A «Lagrima» inda espera ver muita cousa.

Supponhamos que apparecem por ali uns olhos, negros como dois carvões, uns olhos—«sempre esta visão fatal a perseguir-me!»—como aquelles que eu adoro, e uns cabellos, como ondas de treva que se encapellam sobre uma virginea cabeça de mulher... supponhamos isto.

Pois a «Lagrima» ha de ver o Antonio de Azevedo parar na rua Direita, olhar de fito para aquella «visão», entalar o labio inferior entre os dentes, montar rapidamente a sua bicicleta, ir á Franqueira, suggestionar-se na gravidade do horizonte, na immensidade do mar, da borboleta e na amora silvestre, voltar com um bello soneto pingante de nervosismo, soneto que depará nas columnas do «Commercio»... tudo isto em dez minutos ou 15 segundos!

Só se espera pela estrada, que é, por assim dizer, um complemento forçado da bicicleta barcellense...

Outrosim supponhamos que o dr. Sá Carneiro se encontra a meio do Campo da Feira com o dr. José Ramos. Param. Vão a cumprir-se:

—«Como vae, doutor?...

De repente o dr. Sá Carneiro lembra-se que tem de fazer varias investigações em freguezias extremas do concelho para uma causa civil, e o dr. Ramos lembra-se que tem uma entrevista em Viadodos, em casa do Joaquim d'Oliveira. Ambas as cousas são urgentes. Viram-se as custas, tiram-se do bolso as bicicletas, parte cada um para o seu lado, e d'alli a cinco minutos, no mesmo sitio, desmontando, responde o dr. Ramos:

—«Muito bem, muito obrigado; peço desculpa de não responder logo ao seu cumprimento... estive agora em Viadodos com um amigo.»

Fechem as bicicletas na caixinha, bolso com ellas...

—«Até logo, doutor, estimei vel-o.»

A Lagrima

Oh! a bicicleta!

Emquanto que o Antonio Pinza, em bicycle, foge para longe do theatro Gil Vicente—«aquella visão fatal que o persegue» a elle, como a outra me persegue a mim—os srs. Delfino Esteves e Arnaldo Braz cultivam com amor outro genero de sport: —o pião, nos cimos da Pharmacia Moderna.

E' nicada velha... no soalho.

Parece que estou a vel-os, os dois, manhá cedo, saltarem da cama, pião em puinho... bumba z... z... z...

Não sei se já sabem pegal-o á nuha; o que sei é que attendendo aos meritos dos distinctos *sportmans*, não tardarão a sabel-o, o que é bem mais divertido do que um trambulhão n'uma estrada de macadam...

Não esquecendo os corredores, temos aqui á beia, do lado, á ultima hora, o Miguel Lemos e o Paula, empreiteiro.

Apostaram os dois qual chegaria mais depressa, a pé, da beira do cemiterio do Hospital á linha ferrea que corta a estrada de macadam proximo da ponte, nas Pontes.

O Lemos retrahiu se a pretexto de ter a espinha cahida.

(... O que era facil provar, visto o Miguel ter a espinha á flor da pelle...)

Agora a curiosidade publica pergunta qual chegaria primeiro ao sitio.

O Lemos, dizem, é leve, é agil, e qual pena impellida pelo vento, voaria; mas o Paula, que é pesado, uma vez na carreira, depois de ganhar velocidade, como um comboio expresso, levaria de vencida o antagonista.

Pela certa:

Fonham os dois no alto da rua da Batata, deitados, e façam-nos rolar, como uma pipa, pela descida.

Apostamos como vence o Paula...

Antonio Soares da Cunha, proprietario da Alfaiataria Luso-Brazileira, de Fão, em pomposo annuncio do seu *atelier*, entre outras cousas, diz—fazendo *factos* pelo systema de Lisboa, Paris e todas as mais nações—.

Caso espantoso e nunca vistoll!

Um alfaiate que não faz *fulos*, mas *factos*, e demais a mais pelo systema de Lisboa, Paris e outras nações! Por esta razão vem Portugal a ser capital de Lisboa, França a de Paris, e etc.

Este *facto* (vá lá escripto assim para irmos de harmonia com o mestre fangeiro) faz-nos lembrar uma anedocta de sapateiros, e que podemos contal-a como se se passasse em Barcellos.

Na rua Direita ha o Bento, o João dos Pretos, o Cagalhufas, a Vieira, e mais alguns sapateiros, que sejam precisos para a anedocta. São todos

inimigos figadaes, e para isso basta serem officiaes do mesmo officio. Sobre a porta d'um estabelecimento appareceu n'uma manhá uma taboleta com o distincto: «O melhor sapateiro de Barcellos». Passados dias na porta d'um visinho mostra-se nova taboleta que dizia: «O melhor sapateiro do districto de Braga». O terceiro manda pintar: «O melhor sapateiro da provincia do Minho». O visinho que não quer ficar atraz, diz em letras gordas: «O melhor sapateiro de Portugal». Vem outro e annuncia-se: «O melhor sapateiro da Europa». Ainda outro faz-se passar por: «O melhor sapateiro do Mundo». Ficava o ultimo que já não tinha para onde appellar por esta ordem crescente, e pensando um bocado, manda pintar em caracteres bem legiveis: «O melhor sapateiro d'esta rua».

Necessariamente o alfaiate de Fão é o melhor *sapateiro* do mundo... Faz calças á bocca de sino e as casacas brancas dos banheiros da Apulia.

«AMORES PERFEITOS»

Estes dizeres symbolicos e suggestivos servem de titulo a um livro de versos, que nos foi gentilmente offertado pelo seu auctor, Alvaro Pinheiro, de quem damos o retrato.

O volume impresso em Espozende, terra do moço poeta, agrada á vista, na parte material da obra, que a artistica, aquella de que melhor e mais conscienciosamente nos queriamos occupar obriga a mais cuidado, á leitura e estudos para o que não tem a «Lagrima» bastante espaço. Com tudo vamos procurar dizer em duas linhas o que pensamos.

Quizemos fazer obra nossa, e por tal motivo não lemos a carta-prefacio com que o exm.^o sr. dr. Rodrigo Velloso honrou o poeta. Não foi por presumpção tola de competencia superior, foi apenas no intento de ser bem livre o que dissessemos.

No—Prelúdio—já começa o leitor a achar em cada verso a sentimentalidade do joven poeta; depois na—Reminiscencia—descobrimo-lhe a impressionabilidade de um fino temperamento alliaada á qualidade apreciavel de saber desenhar e colorir o quadro, que a impressão de um momento fixou na sua alma de artista.

E assim fomos encontrando as mais qualidades de poeta engastadas em diferentes poesias, d'onde concluimos que Alvaro Pinheiro, que se



A Lágrima

tem creado por si, luctando e trabalhando ha de ver-se coroado de bom exito, ha de ver os seus versos enfileirados nas boas bibliothecas, apar dos mais considerados poetas.

Um abraço ao filho da nossa comarca, quasi nosso conterraneo.

Ahi vae um remedio de medicina caseira para curar o reumathismo. Efeito certo, cura rapida e extremamente barato.

Em Pereira uma doente atacada d'aquelle mal mandou chamar o *surgião*, que, apenas chogado e informado dos males que reclamavam a sua presença, mandou sentar a doente n'uma cadeira, pediu um cobertor em que a envolveu muito bem embrulhadinha e por fim pôe debaixo da cadeira um fogão com carvão acceso. A cara d'espanto que fazia a familia da enferma com taes processos de cura explicou o Esculapio que o reumathismo era um frio que se mette nos ossos, e para o frio só o calor.

Isto é precisamente o contrario do que se deve applicar ao *surgião*. Para aquella cabeça em chammaes só um capacete de gelo, por isso mesmo que o frio se oppõe ao calor.

Que doutor! que sabichão!
E' tal o seu humanismo
Que d'uma mulher faz um bife
Pr'a curar do reumathismo!

O Perinha tem o feitiço de avaliar o merito dos outros d'uma forma muito ratona. Assim.

—«E' um bruto e ignorante que nem sequer sabe grammatica».

Ou então:

—«Não senhor: é um rapaz sabedor e intelligente. Conhece muito a grammatica».

Diz-me com quem vives, dir-te-ei quem és; o Vergelin, rábula no theatro Chalet, aprendeu as manhas do Perinha e n'outro dia botava abaixo os credits artisticos d'um amigo dizendo que elle ignorava grammatica.

Ao lado, uma rapariga, que caiu nas garras d'um rei de todos os animaes..., julgou entalar o o Vergelin, dizendo:

—«Tu não sabes o que é a grammatica. Grammatica é a que ensina a fallar e escrever correctamente qualquer lingua».

—«Não, senhora, acode o Vergelin, grammatica é um livro que tem o Perinha».

O Miguel Lemos, na camada da rapaziada fina, que agora desabrocha, entascando-se todas as noites nas *trépas* do Vinagre, é o *bijou* da galanteria pelos seus bons ditos e engraçadas brincadeiras.

O Mineiro, repoltreado na cadeira do seu estabelecimento, dormitava a sua somneca, de bocca aberta como se fosse uma ratocira

para caçar moscas. O Miguel passa, vé a cómica posição do Mineiro, e (n'isto se conhece a espezteza do elhistoso manecão) sopra-lhe para a cara, por um canudo de papel, pó de sapatos. Parecia um carvoeiro. Depois manda-o chamar para ir á loja do Manuel da Sola, mas ao despertar, esfregou os olhos, e enfarruseou-se ainda mais. Na rua Direita chegaram a pensar que o Mineiro era algum desertor, tão preto estava, das hostes do feroz Gungunhana.

Quando agora é assim divertido que fará para o Carnaval!...

Acautellem-se com o Miguel.

Depois das manifestações de *sympathia* feitas ao rei de São, temos á ultima hora o bom e o bonito para regalo dos filhos de Barcellos.

Nada mais e nada menos do que um individuo vir embarcado de Vianna do Castello, ouvir muzica no apeadeiro de Carapeços, botar a cabeça fóra da carruagem, rir julgando ver uma *espera* comica e *espontanea* a algum brasileiro ou ministro, sentir que o agarram, que o levam em charola para fóra do compartimento em que vae, sem ter tempo de perguntar o que é tudo aquillo...

Talqual succedeu um dia d'estes ao Augusto Ferreira.

A exm.^a familia do sr. Vieira Borges surprehenheu assim, um dia d'estes, aquelle nosso amigo, no meio de vivas e foguetes, não esquecendo a muzica do Patricio...

Boa partida!

Será escusado dizer que o Augusto encontrou o deposito das aguas «Borges» em completo estado de asseio e de limpeza.

???

O rei de São pediu, ultimamente, as photographias da formoso sortido de coroas e beaquets que o nosso querido amigo Francisco Carmona tem no seu estabelecimento á Porta Nobre.

O sr. João Matias dá, por dinheiro, varinos d'leiro, cêr do café, por elle mandades vir, caridosamente,—por se lembrar que multa gente morre de frio...

O collega do «Commercio de Barcellos» escreveu uma local elogiando o nosso amigo Thomaz do Araujo pelo cuidado que lhe tem merecido a limpeza publica.

Devia-lh'a ter lido em voz grossa na viella do Trás da rua Direita, com embocadura junta da casa da Leites...

O arco do theatro Chalet não cae, e, por isso, sem receio, podem os nossos leitores ver hoje o drama a «Mãe dos Escravos».

Responsavel—João Gonçalves da Silva
Typographia Barcelense